



*Mulheres da minha ilha,  
mulheres do meu país.*

de Ana Cristina Pereira.

Naidea Nunes Nunes

**O** livro abre com a fotografia de uma levada a contornar as montanhas da ilha. Uma bela metáfora das histórias deste livro. Histórias de mulheres que tiveram de abrir caminho e atravessar montanhas para construir uma vida menos inóspita para si mesmas. Liberdades que Abril permitiu, mas que coube a cada mulher criar e conquistar na sua vida.

Liberdade ameaçada ainda hoje pela violência doméstica, pela guerra e migrações forçadas, como estramos a ver hoje com a guerra na Ucrânia, devido à invasão da Rússia, governada por autocratas que fazem a guerra contra a democracia ocidental. A Rússia, um país onde as mulheres não têm voz ativa, não chegam ao poder e não são protegidas contra a violência doméstica dos maridos.



Esta realidade ainda dá mais atualidade e importância a este livro.

Trata-se da voz de 30 mulheres, nascidas num intervalo de 50 anos. São 25 histórias em diálogo com a arte, com imagens de 18 artistas, naturais ou residentes na Madeira. É um trabalho próximo do método da História Oral ou História vista de baixo, na medida em que visa enriquecer a História através da recolha

de histórias de vida ou vivências das pessoas comuns que contam o que viveram e como viveram determinados eventos.

Pelo seu papel tradicional na sociedade, as mulheres sempre foram oprimidas e, por isso, as transformações na nossa sociedade, que ocorreram graças à liberdade de Abril, levaram tempo a se instalarem e, sobretudo, a chegarem aos meios rurais, mais isolados, onde foi mais



Sem título.  
Foto: Lucília Monteiro,  
in *Mulheres da minha ilha, mulheres do meu país*.

difícil a libertação das mulheres, por ser uma sociedade muito mais conservadora do que os meios urbanos. Por exemplo, eu nasci em finais de 1970, tinha 4 anos quando houve o 25 de Abril, mas ainda cresci num meio rural em que as filhas tinham de ter autorização do pai para cortarem o cabelo.

Não é por acaso que este livro começa exatamente pela história de Maria Angelina (a mãe) e Ana Cristina (a autora), em S. Vicente, numa localidade de um concelho rural, então isolado na costa norte da ilha da Madeira. História que aborda a temática do género feminino e do poder ancestral do homem na família, a falta de liberdade e de direitos das mulheres e a conquista da igualdade de género. Por isso, o livro é dedicado à mãe da autora que sempre lutou para que as filhas pudessem ter a liberdade que ela não teve e pudessem estudar para terem uma profissão e serem independentes.

Ainda sobre a família de Ana Cristina Pereira, de S. Vicente, a meio do livro, encontramos as histórias de Rosário e de Zeferina. Estas são monumentais por se tratar do mundo rural, do trabalho agrícola das mulheres numa localidade do norte da ilha da Madeira. São monumentais também no que se refere à emigração de mulheres madeirenses para Jersey e para Londres e a sua libertação do poder paterno. São monumentais igualmente pelas capacidades destas mulheres mudarem as suas vidas, por serem empreendedoras fora da sua terra e, depois, também na sua terra e no seu país, por constituírem família e assumirem o seu poder e a sua vontade, por aliarem ao seu trabalho a formação, com o domínio da língua inglesa. Enfim, por conquistarem a sua liberdade.

São histórias de mulheres que nos emocionam, como as histórias de Graça, de Teresa e de Susana, vozes em "Um coro de alteridade". Sobretudo a história de Teresa, natural da Ponta do Sol, que foi para o Porto estudar música e voltou à ilha, sendo vítima de violência da própria família, por ser lésbica. Encontra-se internada numa

casa de proteção de violência LGBT+ no porto, em situação de grande fragilidade e sofrimento, por ter sido vítima de vários tipos de abuso. E Rute que “resistiu e luta”, da orfandade no Abrigo de Nossa Senhora de Fátima, à violência doméstica numa relação homossexual.

Outra história extraordinária é a de Lucília, de Santa Cruz, fotoinformalista no Porto, que “gosta de contar histórias com fotografias”. Cuidou dos filhos do companheiro, mesmo depois dele morrer, apesar da mãe biológica estar viva, e tem uma filha do novo companheiro, divorciado com filhos. Trata-se das questões do aumento dos divórcios, dos segundos casamentos, uniões de facto e de famílias recompostas. Refere-se a geração X (1965-1980) que não se rendeu totalmente à reprodução, apesar da pressão das gerações mais velhas, da educação, formação e independência das mulheres.

São relatos na primeira pessoa, em que muitas das histórias falam das três gerações de mulheres de uma família: avó, mãe e filha(s), como é o caso de Lucília, com a avó Conceição e a mãe Inês. A esta história juntam-se as novas gerações, enteados e Beatriz, a filha de Lucília nascida em 2004. São três gerações também na história de Susana Fontinha, com a avó e a mãe. Três gerações nas histórias de Isa e Helena, enfermeiras, a mãe destas e as filhas de Helena. Também no caso de Cristiana, a artista Andorinha, da Camacha, com a avó e a mãe. De igual modo, em “Samantha exige respeito”, a filha de Omaira (a mãe) e neta de Glória (a avó) faz o caminho inverso da migração para a Venezuela das avós, quando vem para Portugal estudar, fugindo da crise social e da criminalidade do país onde nasceu.

Assim, testemunhamos a evolução/revolução através da vida de três gerações de mulheres da mesma família. Como destaca Sofia Aboim, no posfácio do livro, numa excelente apresentação do mesmo: “As mulheres tiveram de resistir aos padrões pré-estabelecidos, tiveram de lutar muitas vezes com muito poucas condições

para o fazer, tiveram de ser muito resilientes, sozinhas individualmente ou com o apoio das mães, para puderem ter uma vida diferente daquela que lhes estava destinada socialmente” (p. 246). Desta luta adveio a possibilidade de poderem ter e assumir uma identidade própria, diferente das gerações anteriores.

Neste sentido, o livro começa com a história denominada “A revolução dentro de casa”. A meio do livro documenta-se “A revolução longe de casa”, com a migração das mulheres. E a fechar o livro “A revolução a consolidar-se por aí”. Mas, engane-se quem pense que o livro se resume às histórias de mulheres, de gerações de mulheres. Ana Cristina Pereira entrecete as suas histórias com a História da ilha, do país e do mundo. Para isso, regista factos, realidades e estudos de várias áreas das Ciências Sociais e Humanas. A autora parte do trabalho de Maria Lamas (1893-1983), *As Mulheres do meu País*, publicado em fascículos entre 1948 e 1950, como se reflete no título do livro. Menciona sociólogos, antropólogos, historiadores, ensaístas nacionais e internacionais, especialistas e investigadores como fontes.

Aborda a História da Madeira e as suas áreas de atividade económica e sociocultural: Joana que faz cuscuz e “preserva sabores”; Águeda que nunca se casou e trabalha nas videiras do vinho Madeira, no Seixal; Margarida, do Campanário, bordadeira que dá dias de jorna para criar os filhos; Cecília que vende flores no Mercado dos Lavradores; Josefina, guia de montanha e guia-intérprete; Rosa que protege os lobos-marinhos; Vera que incentiva os artesãos locais do Porto Santo; Cristiana que regressou às raízes e abraçou as tradições populares madeirenses; e Mariana que embala a tradição musical, sobretudo das cantigas de trabalho, na e fora da Madeira.

Nestas histórias, encontramos muitas palavras que são regionalismos madeirenses: *buzico/a*, *carne-de-vinho e alhos*, *bolo do caco*, *vilhão/vilhoa*, *caminhar* (por *sair/emigrar*), *mira* (nome atribuído

pelos madeirenses aos luso-venezuelanos e venezuelanos), *arepas e empanadas* (importações gastronómicas e linguísticas da Venezuela), *mexelote/caralhinho* ou *pau-da-poncha e poncha*, *trapiche*, *bolo de mel de cana*, *poio*, *escarpada* (do Porto Santo), *profeta* (nome dado aos porto-santenses pelos madeirenses), *inglês* (estrangeiro/turista), *rede*, *corsa*, *carro de cesto*, *carreiros do Monte*, *palheiros* (de vacas), *bilhardice* (bisbilhotice), *bonecas de massa*, *tratuário*, *semilha*, *espetada* e *milho-frito*.

Estas palavras expressam a identidade regional madeirense e são, cada vez mais, indissociáveis da realidade social, cultural e económica da Madeira, sobretudo no Turismo. Pois, os turistas procuram conhecer e experienciar a realidade local e regional da Madeira, o que nos distingue como lugar autêntico e único a visitar. Posto isto, este léxico não só permite traduzir as memórias e as vivências das mulheres, mas também expressar a conservação da cultura tradicional e genuína do arquipélago.

Termino sublinhando a riqueza da dimensão pessoal e sociocultural, assim como histórica, deste livro. No segundo capítulo, “Ilha-casa, ilha-mundo”, a autora escreve: “Procurei um livro com a história de mulheres como a minha avó, a minha mãe, as minhas tias, primas ou sobrinhas. Um livro que descascasse o tempo, que deixasse ver o passado projetado no presente, que incluísse as mulheres comuns, que mostrasse o seu contributo no mundo rural, urbano ou de transição” (p. 27). Não encontrou e começou a fazê-lo, dando voz à existência silenciada destas mulheres que contornaram as montanhas da ilha e empreenderam as suas vidas.

Apesar de todos os obstáculos e todas as mudanças, o passado continua presente “porque somos os nossos pais e os nossos avós”. Continuamos uma história familiar, insular e nacional que herdámos e transformamos. E este livro de Ana Cristina Pereira é esse “olhar para nós além de nós” (p. 17). É exatamente isso que a autora faz e nos faz fazer!